

O primeiro discurso de FHC na ONU

Eis a íntegra do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso, no plenário da Organização das Nações Unidas (ONU), realizado no dia 23 de outubro de 1995

Senhor presidente,

Quero expressar o orgulho do Brasil em ver esta histórica sessão presidida por um representante ilustre de Portugal.

Há 50 anos, os delegados que firmaram a Carta de São Francisco tinham a esperança de que estavam criando um mundo melhor, em que a paz fosse possível graças a instituições capazes de garantir o melhor espírito de cooperação entre os povos.

A ONU, como toda realização humana, assistiu a sucessos e fracassos. Em sua trajetória, porém, algo de muito importante foi preservado: o sentimento da esperança. E agora é tempo de renová-lo.

O que nossos povos esperam hoje de nós? O que esperam que façamos pela ONU?

Tenho certeza de que, a essas indagações, a resposta é consensual: que a ONU seja a guardiã serena das normas e princípios que regem as relações entre os Estados, que os faça respeitar, garanta seu cumprimento e assim dê bases sólidas para a ordem internacional.

Que tenha instrumentos eficazes para conciliar partes em conflitos e para preveni-los, bem como para promover formas de desenvolvimento com equidade.

É aspiração de toda a humanidade que a ONU esteja voltada, de modo permanente, para a defesa dos direitos humanos e o combate a todas as formas de discriminação e de tirania.

Senhor presidente,

Vivemos hoje tempos melhores do que há 50 anos.

O fim da guerra fria liberou a agenda internacional das tensões geradas pelo conflito ideológico e propiciou crescente convergência de valores em torno da democracia, da liberdade econômica e da justiça social.

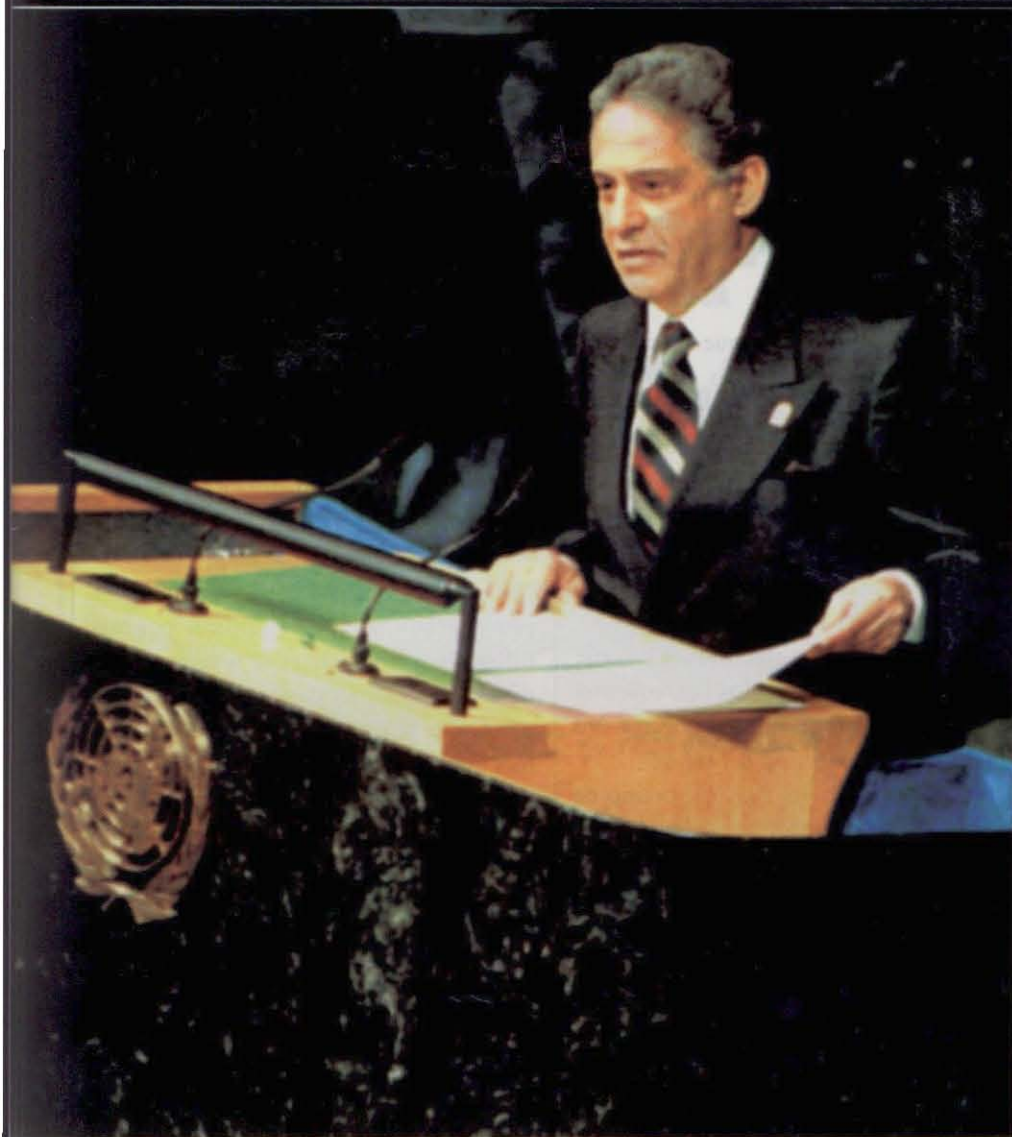
Abriram-se novos espaços de cooperação internacional. A série de conferências que a ONU vem patrocinando, sobre meio ambiente, população, mulher, direitos humanos e desenvolvimento social, tem como grande tema unificador a busca de padrões dignos de vida para todos os povos e para cada indivíduo.

O progresso humano está, assim, no centro do debate internacional.

Além dos temas dessas conferências, a vida contemporânea representa desafios que merecem a atenção das Nações Unidas.

Devemos trabalhar aqui para superar, no marco complexo da globalização, um quadro persistente de desigualdades sociais e econômicas, que gera desesperança e sentimento de exclusão. Os objetivos do desenvolvimento sustentável não podem ser abandonados.

E a linha entre a convicção e a hipocrisia é tênue. Muitas vezes as palavras, por mais que entusiasmem, não são seguidas de ações. E talvez seja esse o maior desafio a enfrentar e a enfrentarmos em conjunto: o de que das palavras passemos à ação. Os



Fernando Henrique discursa ao plenário da ONU:
"Linha entre convicção e hipocrisia é tênue".

países que estão no abandono da pobreza, que ainda têm dificuldades elementares para fazer frente ao seu endividamento e que são vítimas, ou cujas populações ainda são vítimas da violência, desrespeito aos direitos humanos; pois que eles encontrem nas Nações Unidas o símbolo de esperança, de que essas situações inaceitáveis terminem.

Devemos trabalhar igualmente para que os progressos extraordinários trazidos pela ciência e pela tecnologia se difundam em benefício de todos. No caso da paz e da segurança internacional, o papel da ONU sempre será insubstituível. Em outros assuntos, ela nos ajudará a pensarmos juntos, a orientar decisões, a criar padrões novos de legitimidade.

Em todos esses temas, nossos povos esperam de seus governantes que sejamos capazes de um diálogo constante e orientado por valores verdadeiramente universais, que inspirem as várias instâncias regionais e as nações individualmente para a

paz, o desenvolvimento e a cooperação.

Cada um de nossos países deve contribuir para que a organização tenha meios materiais para poder cumprir as missões que nós mesmos lhe confiamos.

Não é admissível que as Nações Unidas estejam atravessando sua pior crise financeira no momento em que líderes de todo o mundo se reúnem para reafirmar o compromisso coma a Carta da ONU.

Vamos ser francos. Estamos comemorando este cinquentenário com um sentimento ambíguo vendo a ONU ser obrigada a procurar expedientes para cobrir os imensos déficits que podem inviabilizar a organização precisamente quando melhores são as suas perspectivas.

É preciso encontrar uma saída dura para este impasse.

Senhor presidente,

Hoje venho manifestar o compromisso brasileiro de lutar por uma ONU fortalecida e atuante.

Não é um compromisso novo, é um compromisso que consubstancia a história do Brasil nesta organização desde sua fundação, desde quando o Brasil enviou tropas para a Europa para lutar na 2a. Guerra pela liberdade e democracia. Uma história de participação, de defesa da paz e do desenvolvimento, que nos leva agora a uma disposição de assumir responsabilidades crescentes nas deliberações das Nações Unidas.

Este é o momento de celebrar a reafirmação dos ideais de justiça e paz que, há 50 anos, levaram à criação desta grande obra do espírito humano, que é a Organização das Nações Unidas. Para essa celebração o governo e o povo do Brasil reafirmam a sua disposição de transformar as palavras em atos, de romper a linha tênue que, como disse há pouco, poderia dar a impressão de que a palavra é hipócrita, de que falta ação. Convido-os, pois, à ação e o quanto antes. Muito obrigado.